

A POESIA E SEUS DESTINATÁRIOS: INTERVENÇÃO NA EPISTOLOGRAFIA E NO CONCEITO DE ENDEREÇAMENTO*

Marcelo dos SANTOS[∇]

RESUMO

Este artigo pretende, ao se servir do conceito de endereçamento, proposto pela crítica brasileira Celia Pedrosa, discutir como o estudo das cartas de escritores torna-se fundamental para uma crítica de poesia que deseje percorrer os trânsitos entre vida e obra. Para isso, o presente texto traz mostras da correspondência entre o poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto e o crítico Lauro Scorel, amigos que se correspondem por mais de 30 anos e que debatem caminhos da poesia, da obra de Cabral e da crítica de poesia nesse arco temporal entre os anos 1940 e 1980. Ao trazer a correspondência entre o poeta e o crítico, pretende-se aliançar o conceito de endereçamento, forjado na análise crítica da poesia brasileira e dos caminhos de sua comunicabilidade e leitura, à epistolografia, uma vez que se supõe que, nas cartas de poetas que o arquivo torna públicas, o destino das discussões sobre a poesia, antes destinadas a interlocutores eleitos e a circuitos mais restritos, se amplia e chega até nós, leitores que se apresentam como destinatários não previstos por endereçamento poético.

Palavras-chave: Endereçamento. Correspondência. João Cabral de Melo Neto. Lauro Scorel. Poesia brasileira.

Então, para a poesia, o que é a verdadeira vida?
O que se prescreve com o “embriaguem-se!”
ou com “mudar a vida”? No mudar-a-vida, o que a poesia como tal tem a
dizer?
O que ela pretende com sua injunção? O que se entende por ela?
(DEGUY, 2010, p. 61)

* Artigo recebido em 30/03/2021 e aprovado em 02/06/2021.

[∇] Doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É professor adjunto da Escola de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atua como pesquisador no estudo de cartas literárias, arquivos literários e desenvolve estudos a partir da relação entre literatura e vida. E-mail: marcelo.santos@unirio.br

O estudo dos papéis do escritor – cartas, manuscritos, notas – levanta questões relacionadas ao processo de criação e, em certa medida, alimenta o vínculo entre a criação, a vida literária e a produção da imagem do artista. No caso da correspondência dos escritores, a epistolografia tem ampliado consideravelmente a possibilidade de abordar textos literários a partir de um viés que percebe, no diálogo entre escritores, a criação compartilhada de uma obra ou mesmo projetos que nem sempre chegam à edição e à publicação, mas que iluminam temas, procedimentos e concepções do autor diante da tarefa da escrita.

No campo da poesia brasileira, a correspondência publicada, ou aquela que circula por meio de pesquisas em arquivos literários, tem servido, por exemplo, para reorientar a discussão do legado modernista – como é o caso dos diálogos epistolares entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, Mário e Manuel Bandeira entre outros. Ao lado dessa possibilidade, a própria ideia de endereçamento – que não se vincula necessariamente à epistolografia, mas que pode ter com ela uma irmandade – vem se estabelecendo como conceito para se delinear o circuito do poema.

Tentarei, neste texto, recuperar uma linha de debate sobre o conceito de endereçamento a fim de sublinhar nela possíveis diálogos com o estudo de cartas. O intuito é manipular o conceito de endereçamento, vinculando-o às pesquisas que tive oportunidade de fazer sobre o poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, na ocasião em que contribuí para a organização de seu arquivo. Estabelecendo ponte entre o conceito de endereçamento e as cartas do poeta, penso evidenciar o modo como a figuração de um destinatário para o poema que é carta (ou que simula seus ritos) sugere o futuro da poesia, a leitura da posteridade, as condições de sua possível recepção para além de seu tempo de escrita assim como acontece com a carta de poeta.

Recupero a crítica de Silviano Santiago (2002a) a respeito da relação entre poesia e correspondência, o ensaio **Singular e anônimo**, de 1989, no qual o crítico propõe a leitura do poema **Correspondência completa**, da poeta Ana Cristina Cesar. Nesse estudo, o ensaísta chega à questão do leitor como destinatário.

No poema-carta **Correspondência completa**, Ana Cristina Cesar (2013) apresenta uma cena de leitura. Nela, dois papéis possíveis — mas também fatais — se encontram. De um lado, Gil, um leitor, lê procurando em tudo os traços

biográficos; Mary, outra leitora, deixou todos esses traços escaparem e lê a autora como **literatura pura**. Daí conclui-se que a leitura de seu(s) poema(s) deve se fazer sem polarizações, não sendo, como nos demonstra Silviano, nem como a leitura de uma vestal, a de Mary, nem semelhante a de um detetive, a de Gil, mas uma leitura que é trânsito, que permite a inclusão/intrusão do leitor.

A leitura que Silviano faz da produção de Ana Cristina Cesar compreende a grafia **de vida**, no poema-carta de Ana C., não desvinculada da vida de poeta. A meu ver, Silviano se distancia estrategicamente do vai-e-vem interpretativo que interroga a produção do poema para assinalar **na leitura** o apelo à imaginação que o cruzamento entre vida e poesia precipita no leitor. Na abertura que a carta promove, encontra-se o que Silviano comentava sobre a destinação do poema que, **sem ser carta**, se endereça ao leitor. O leitor lê o poema, não seria também o poeta uma figura para se ler?

Ao leitor, cabe operar sua leitura imaginativa, pois bons leitores são transgressores, informa-nos o prefaciador Silviano das cartas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Logo, as cartas de **Carlos & Mário** (2002), suas (deles) cartas, tornam-se **nossas** cartas. A violação das epístolas íntimas de quem tem escrita pública — estilização literária, explica Silviano em **Suas cartas, nossas cartas** — é justificada pela legítima vontade (por vezes profanadora) do leitor.

Embora se possa questionar até que ponto os gêneros de escrita – poema, carta, romance, memória - se diferenciam, mais importante é a especulação sobre a assinatura do sujeito que (se) escreve; agora passível de interpretações. A carta, para Silviano, é um lugar de escuta da estilização e da inserção do sujeito no circuito da vida literária. Sem compreender a **inserção** como algo tramado por e com esse conjunto de textos — públicos e privados — **do escritor**, corre-se o risco de cair na polarização de leituras.

De modo análogo a Silviano, o filósofo Jacques Derrida (2007) pôde tomar a carta como ferramenta de leitura da filosofia enviada à filosofia — o envio de Sócrates a Platão — e da filosofia enviada à psicanálise — o envio de Platão a Freud em seu **O cartão-postal**, livro que abre com os **envios**: uma série de cartas de Derrida que se articulam no risco de extravio que a carta sempre transporta.

Com o crítico e com o filósofo, a epistolografia torna-se instrumento para se pensar, também, a **inserção** das obras e das poéticas no âmbito da destinação e do futuro. Na destinação, não é a determinação do passado sobre o futuro que deve ser considerada, mas sim a maneira pela qual futuro e passado podem se gerar mutuamente no presente de uma leitura. Remeto aqui como o presente é pensado pela filósofa e intérprete da obra de Walter Benjamin, Susan Buck-Morss (2018). No ensaio **O presente do passado**, a autora considera que aquilo que é deixado pelo passado para o presente é como um presente (gift) que “demanda uma nova forma de exegese, que resgate a legibilidade do passado contra as convenções da memória oficial” (p. 27). E, mais adiante, ela ressalta que os resíduos do passado, a própria história, só se libertam da repetição quando entra em cena a história de uma outra pessoa. O passado como dádiva – seus documentos de memória – só escapariam ao controle do poder por uma legibilidade que desarticula, pela inserção de um outro, o continuum da história oficial.

Nesse sentido, o gesto de Silviano Santiago, por meio da leitura de cartas, visou retirar a obra marionadrada de uma leitura canônica e canonizante. A leitura das cartas modernistas tem como produto a discussão sobre o futuro do Modernismo no livro **Nas malhas da letra** (1989), mais cerradamente em textos como **A permanência do discurso da tradição no Modernismo, Fechado para balanço, O intelectual modernista revisitado**, não por acaso no mesmo espaço do já referido **Singular e anônimo**. De acordo com Silviano Santiago (2002a), em apresentação do livro, os ensaios de **Nas malhas** “*dramatizam* quatro preocupações” (p.7, grifo nosso): os contemporâneos, os modernistas, a relação entre Europa e Américas e a teoria.

O verbete, Endereçamento, faz parte do **Indicionário do contemporâneo** (2018), publicação da Editora da UFMG, que, segundo os organizadores, reinventa seis conceitos importantes para a produção literária e artística contemporânea. A escrita do verbete recupera a discussão de Silviano Santiago, apresentando também o encaminhamento que a professora e pesquisadora Célia Pedrosa dá ao conceito no ensaio **Poesia, crítica e endereçamento** (2014), no qual a autora

traça um mapa em torno da relação entre poesia e endereçamento a partir dos ensaios mencionados de Silviano Santiago [“Singular e anônimo”], Flora Süssekind [Até segunda ordem não me risque nada] e Marcos Siscar [“Ana C. aos pés da letra”], além de leituras próprias sobre a poesia Ana Cristina

Cesar e sobre a produção poética do próprio Siscar. O endereçamento como característica discursiva será pensado em relação a discussões em torno da linguagem e da experiência:

“O investimento na primeira pessoa endereçada pode ser compreendido então como modo paradoxal de a poesia solicitar e colocar em crise a lógica da copresença e da identidade que preside a comunicação linguística; e também a transitividade do eu ao outro, do individual ao coletivo, do singular ao comum bem como do sentido de cada uma dessas instâncias e categorias.” (PEDROSA et al., 2018, p. 100)

Dos aspectos sugeridos pela escrita do verbete, a partir dos autores que discutiram o conceito de endereçamento, gostaria de me concentrar no viés que sinaliza o performático, ligado a um modo de trabalho com a enunciação e suas tramas com a vida literária, a vida de poeta, o jogo entre os “eus”:

Se a discussão sobre o endereçamento é um retorno ao problema da enunciação poética, relacionado poesia e ética, ela mobiliza certamente uma nova circunstância, relacionada a um empenho performático, em que já não se trata de um sujeito representado por outro e para um outro, mas de eus em trânsito, transformados no curso da poesia, produzidos inclusive por ela, na escrita e na leitura, expostos e refletidos enquanto construções em aberto, em obras, como a forma poética mesma, que também não é mais, como queria João Cabral, um “organismo acabado”, mas se apresenta como um entrecruzamento plural de formas, entre o ensaio e a poesia, entre a poesia e a autobiografia e assim por diante. O empenho performático serve igualmente a um questionamento da dicotomia entre “lírico” e “antilírico”, que opõe o eu ao coletivo para enfatizar um ou outro, sempre concebidos a partir de parâmetros representativos (p. 103).

Para além da afirmação de uma subjetividade em trânsito, o performativo aqui parece indicar um procedimento que se endereça a uma legibilidade que deseja se movimentar nas convergências entre vida e arte.

Servindo-me dessa breve linhagem do conceito de endereçamento, embora compreenda-o bastante ligado à discussão sobre o poema, gostaria de sugerir que a leitura de cartas de poetas, editadas ou depositadas em arquivos, pode alinhar-se a alguns aspectos discutidos na trajetória do conceito, especialmente no que diz respeito à relação entre o endereçamento como destinação a um futuro, aos futuros leitores desobedientes à ordem dos textos e das escritas, o que desafia a contemporaneidade entre poema e leitura, obra e recepção.

O DIÁLOGO EPISTOLAR E O ARQUIVO

Na carta do poeta e no poema-carta poderíamos ler os relacionamentos entre esses dois espaços distintos? Eles permitiriam traçar uma imagem do poeta tramada pelos seus envios ao leitor do poema, ao destinatário da carta e aos leitores da correspondência e do arquivo do poeta que se autoproclama destinado a ler todas essas textualidades cruzadas?

O poeta João Cabral de Melo Neto, ainda que não tenha muitas cartas editadas e publicadas, mais acessíveis ao público,¹ fez da correspondência uma ponte entre os amigos, feita para o diálogo sobre a poesia e crítica. Cumprindo sua carreira diplomática, o poeta, embora se declare pouco simpático à escrita da carta (como veremos a seguir), converteu o espaço epistolar tanto em campo de exercício da crítica quanto da performance de si.

No arquivo do poeta, hoje disponível no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), a correspondência, juntamente com os papéis do escritor – manuscritos, documentos pessoais, folhetos, notas etc. –, convida o leitor e o pesquisador a exercer uma leitura que considere o trânsito entre vida e arte. As cartas podem desenhar, além da trajetória do diplomata e do poeta nos territórios em que João Cabral cumpriu seu ofício, um caminho para um mapa da sua sensibilidade poética, do modo como ele destina seu pensamento sobre a poesia para os amigos de vida literária.

Do espectro de nomes importantes da vida intelectual, política e literária do Brasil, entre o final dos anos 1940 aos anos 1980 – período que cobre a atividade diplomática de João Cabral –, apresentarei neste texto mostras da troca epistolar entre Cabral com o também diplomata e crítico literário Lauro Escorel a fim de cumprir o objetivo deste texto: evidenciar como a troca epistolar entre o poeta e seus interlocutores põe em jogo o endereçamento conforme o alcance do conceito delineado anteriormente. Ao se endereçar ao amigo, o poeta destina as discussões

¹ É necessário, portanto, registrar algumas edições das cartas de João Cabral: [cartas de Cabral a Lêdo Ivo]. In: IVO, Lêdo. *E agora adeus: correspondência para Lêdo Ivo*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2007. p.21-86; *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Organização, apresentação e notas Flora Sússekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001; “Cartas de João Cabral de Melo Neto para Clarice Lispector”. Apresentação por Carlos Mendes de Sousa. *Colóquio/Letras, Paisagem Tipográfica: homenagem a João Cabral de Melo Neto*, Lisboa, n.157/158, jul./dez. 2000, p.283-300.

sobre a poesia que, embora não destinadas a nós, chegam aos leitores que podem se ocupar das relações complexas, e por isso muito relevantes, entre vida e obra. Sendo assim, proponho que o endereçamento possa também ser pensado, no campo dos estudos epistolográficos, como um procedimento de destinação imprevisto, que apenas pela publicização dos documentos pessoais de um escritor recompõem seu trajeto até o crítico e o leitor da correspondência literária.

Lauro Escorel de Moraes ingressou no serviço diplomático em 1943, dois anos antes do amigo Cabral, e assumiu seu primeiro posto no exterior em 1946, nos Estados Unidos. A partir daí, ocupou funções importantes na Bolívia, no México, na Espanha e no Paraguai. Em artigo (SANTOS, 2011) que refere-se às cartas trocadas entre Lauro e João Cabral e informa sobre o volume da correspondência guardada no AMLB, foi possível assinalar que a amizade, afinada no campo da troca de mensagens, tornou-se fundamental para ambos no que diz respeito à autoconstituição do poeta crítico e a do estudioso da poesia que Lauro Escorel apresenta, uma vez que a correspondência pode ser entendida como bastidores do ensaio que este dedica à poesia de Cabral, *A pedra e o rio*, publicado em 1973, o que é sinalizado pela presença de uma carta de Cabral para Lauro, de 22 de fevereiro de 1972, na edição do ensaio pela Academia Brasileira de Letras (2001).

Da correspondência com Lauro Escorel, a missiva a seguir é representativa da leitura de si como poeta tramada na visão crítica sobre a poesia e sobre o trabalho do poeta:

Razões profundas: o meu modo de verificar a minha impotência, o meu despeito em ver que o trabalho literário é impossível, o meu despeito em verificar a diferença entre o que é possível acrescentar a cada dia (alguns dias, só uma palavra que se substitui), sobretudo o meu medo “do trabalho”, aí inserido tudo o que significa cansaço mental, dor nos olhos, nas costas, sobretudo desespero e a impressão de que a solução tal ou tal não será achada, etc, etc,. Além disso, há outra razão, não sei se superficial ou profunda, porque ainda não a tirei do plano da simples hipótese: o efeito meio esterilizador que exerce sobre mim os “mots” tão profundamente nihilistas de Valéry, apesar de coragem do exemplo dele: acordando todos os dias às 5h da manhã para escrever até às 11h do dia (21-nov. 1946).

Retrato construído por oposição, Cabral situa-se em relação a um dos poetas decisivos para a articulação entre crítica e poesia: Paul Valéry. Neste trecho, é o próprio corpo do poeta que é lido como matéria de reverberação do trabalho: dor nas costas, nos olhos etc. O poeta envia a seu amigo um corpo, ainda que sinalizado

como impotente, potente porque presentifica assim a imagem de uma performance de si mesmo na luta com as tramas das linhas da poética e da ética.

Ainda com Escorel, Cabral vai relendo, como demonstra aqui o exemplo abaixo, a própria produção. Este é um movimento que o diálogo epistolar, a meu ver, evidencia exemplarmente, uma vez que tal ação se presentifica também na poesia, como na organização de suas **Poesias completas** (1968) – em que o poeta-editor rearticula a ordem de publicação de seus livros, estabelecendo que o leitor deveria começar pela produção mais recente até a mais antiga – ou no trabalho de leitura crítica e posicionamento de sua obra que são as edições que organizam poemas por temas ou propostas, por vezes antagônicas, como atestam os livros **Duas águas** (1956) e **Morte e vida severina e outros poemas em voz alta** (1966).

Eu me perguntava como certos processos empíricos que então nem me animavam a superar (em 1940, época de todo espírito santo na poesia brasileira), certos truques humanos podiam agir sobre coisas tão misteriosas e sobrenaturais como a poesia, a inspiração, o poético. Se v. tem aí *Pedra do sono*, reabrindo-o, poderá notar se não há uma atmosfera comum em todo o livro, de lirismo subterrâneo e sonambulístico. Pois esse livro é quase uma antologia organizada com essa intenção do que eu havia escrito até então. No poema “André Masson”, o mais novo do livro, essa intenção já estava organizada num todo. No resto, o trabalho foi mais de poda e substituição de coisas por outras que surtissem o tal efeito. Por isso, foi de uma consideração empírica que deduzi a falsidade de toda tendência que deva tratar a poesia como coisa externa à linguagem (...) (2-6-1948)

Em 1948, reler na carta ao amigo **Pedra do sono**, livro publicado em 1942, e constantemente debatido, repensado, é oferecer a nós leitores uma visão privilegiada do processo cabralino, imantada nas ações “poda” e “substituição de coisas por outras”, que sugerem procedimentos a serem observados na poética de Cabral. Além disso, o poeta, ao se mirar no espelho da carta – em que se olha olhado pelo amigo, no exercício explicitado da autoanálise (“Eu me perguntava...”), recupera ou reinventa intenções e efeitos para sua estreia incômoda, por vezes inabordável, por conta desse “lirismo subterrâneo”, atmosférico.

Outras serão as questões impostas pelo trabalho poética a que Cabral se dedica. A carta de 1951 a Lauro Escorel flagra um impasse muito fundamental da poética cabralina que nem sempre se evidenciam: a encruzilhada entre uma poesia identificada como intelectual, cerebral, e uma poesia que poderia fazer a ponte entre o pensamento poético e o direcionamento social. Esse ponto-chave é amplamente

discutido no diálogo entre os dois amigos, e é instigante que Lauro provoque o poeta para uma saída do impasse, percebendo que a maneira intelectualista de se ler o poeta engenheiro poderia marcar e tornar não mais fecundo o trabalho do poeta. A carta a seguir, de Cabral, já assume a discussão e tateia uma possível saída ao assinalar o papel da poesia discursiva – à qual se contraporiam poemas como “O rio” e “Morte e vida severina”.

Uma outra coisa que me tem preocupado, agora que não estou já interessado em fazer coisa para elites (as elites aliás responderam ao cão sem plumas como eu esperava: pelo silêncio) é descobrir se esse tipo de poesia chamemos “discursiva” que caracteriza a grande maioria da poesia moderna não é uma consequência do aristocratismo dessa mesma poesia (2-4-1951)

A preocupação demonstrada no trecho acima aparece na produção ensaística de Cabral, como mostra Antonio Carlos Secchin (2014),

Com efeito, ao analisar o impasse a que os poetas modernos chegaram, fruto de crescente subjetivismo e da fetichização do próprio fazer, João Cabral destacava:

“[Os poetas] Também não souberam adaptar às condições da vida moderna os gêneros capazes de serem aproveitados. Deixaram-nos cair em desuso (a poesia narrativa, por exemplo, ou as ‘aucas’ catalãs, antepassadas das histórias em quadrinhos), ou deixaram que se degradassem em gêneros não poéticos, a exemplo da anedota moderna, herdeira da fábula.” (p. 89).

Como sinalizamos anteriormente, do lado do pensamento sobre a poesia reside a discussão sobre a próprio espaço em que este acontece se excetuarmos os artigos e ensaios de Cabral. A carta e o escrever cartas são alvos de questionamento, o que se adequa à uma visão crítica que retira do horizonte a banalidade da própria escrita epistolográfica:

(...) mas uma das formas de minha depressão é essa incapacidade de comunicar-me (...) Creio que meu atual não-poder-escrever-cartas é paralelo a minha misantropia crescente. (15-10-1962)

Mas não sei o que diabo me acontece com essa coisa simples e sem compromissos que é uma carta: cada dia me sinto mais inibido para

escrevê-las. E a coisa se complica porque cada dia o sentimento de culpa por cartas que não responde vai aumentando. (13-12-1965)

O que era **simples** não pode mais ser assim encarado, o que delinea, pelo avesso e à revelia, uma ética epistolar. Ao amigo Lauro Escorel, com que Cabral trocou um volume impressionável de cartas, o poeta se põe no risco da incomunicabilidade e da crise ética, da culpa, o que possivelmente mais alerta para uma responsabilidade epistolar.

Tal responsabilidade é compreensível se olharmos para o que se destina na correspondência: é o motor que move linguagem e pensamento, que provoca a resposta que abre a pergunta, que demanda um novo pensamento num contínuo movimento, como podemos perceber nas duas respostas de Escorel:

Daí você vem ensinar que a poesia é palavra, que o material não vem antes nem depois da inspiração, mas é a própria Poesia, na medida em que é através do tratamento que lhe dá o Poeta, que ela se revela. (2 set. 1947).

Aliás, o valor desta correspondência, além de nos manter em contato, está em me obrigar a fazer um verdadeiro balanço no meu pensamento, pesando e repesando as minhas noções sobre o assunto. (24-nov-1947)

Poderíamos, a partir da tematização da própria carta e do endereçamento das questões da poesia, vislumbrar que o valorável dessa correspondência não se faz sem os riscos inerentes ao endereçamento e à destinação das mensagens: riscos de incompreensão, de superinterpretação ou de apropriação das palavras destinadas. Portanto, valor, risco, destino, endereçamento, extravio são temas da correspondência que se somam às questões da poesia e da literatura, reafirmando a centralidade do conceito de endereçamento e das ideias e palavras que o avizinham para a poesia.

Por ora, proponho rearticular dois movimentos da destinação que me parecem importantes: o envio (mais próprio ao poema que à carta) e o extravio (mais inerente à carta que ao poema). O movimento do envio, do endereçamento do poeta no poema, abre um precipitado subjetivo para a obra. O envio pode ainda delinear o que seja a subjetividade inespecífica do poema, já que em trânsito, para o leitor (amigo, amante etc.) a que é **dedicado** e para os leitores a quem é **destinado**.

O extravio tensiona o que é promessa de comunicar, mas também a mensagem cifrada enviada a **um** determinado destinatário. Essa mensagem que

não destinada a nós precisa da imaginação, da transgressão de que falava Silviano Santiago, é demanda da fantasia sustentada pelo poema, exposto entre o poeta e o leitor. O extravio reside naquilo que não foi dirigido a nós, uma vida (de poeta talvez) distante da nossa, mas a que o poema nos destina.

Michel Déguay (2010), ao nos perguntar sobre o que a poesia tem com a vida, também nos pergunta sobre a ausência de vida que a poesia pode sugerir quando concebemos que a vida mesmo está em outro lugar para onde podemos nos mover. Talvez essa breve sensação de ausência de vida nos leve a exercitar, na leitura da carta, essa imaginação que Silviano via ser provocada na tensão entre as grafias da vida e da obra. Acho que essa é uma preocupação nada obsoleta para a poesia, uma vez que a tarefa de definir a vida, segundo Déguay, foi assumida pela política. Mas a poesia também pode ocupar esse trabalho de imaginação e de poética da vida.

LA POÉSIE ET SES DESTINATAIRES:

INTERVENTION EN ÉPISTOLOGRAPHIE ET DANS LA NOTION D'ADRESSAGE

RESUMÉ

Cet article entend, en utilisant le concept d'adressage, proposé par la critique brésilienne Celia Pedrosa, discuter en quoi l'étude des lettres d'écrivains devient fondamentale pour une critique de la poésie qui souhaite couvrir les transits entre la vie et l'œuvre. À cette fin, ce texte montre la correspondance entre le poète pernambucano João Cabral de Melo Neto et le critique Lauro Escorel, amis qui correspondent depuis plus de 30 ans et qui discutent des chemins de la poésie, de l'œuvre de Cabral et de la critique de la poésie entre les années 1940 et 1980. En amenant la correspondance entre le poète et le critique, il entend combiner le concept d'adressage, forgé dans l'analyse critique de la poésie brésilienne et les voies de sa communicabilité et de sa lecture, à l'épistolographie, autrefois qu'on suppose que, dans les lettres des poètes que l'archive rend publiques, le sort des discussions sur la poésie, auparavant destinées à des interlocuteurs élus et à des circuits plus restreints, s'élargit et nous parvient, lecteurs qui se présentent comme des destinataires non prévus dans cette poétique adressage.

Mots-clés: Adressage. Correspondance. João Cabral de Melo Neto. Lauro Escorel. Poésie brésilienne.

REFERÊNCIAS

BUCK-MORSS, Susan. **O presente do passado**. Desterro [Florianópolis], 2018.

CESAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DEGUY, Michel. A poesia e a vida. In: _____. **Reabertura após obras**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 60-3.

DERRIDA, Jacques. **O cartão-postal**: de Sócrates a Freud e além. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ESCOREL, Lauro. **A pedra e o rio**. Uma interpretação de João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.

MELO NETO, João Cabral. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

PEDROSA, Celia; KLINGER, Diana; WOLFF, Jorge e CÂMARA, Mario. (Orgs.). **Indicionário do contemporâneo**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2018.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a [1989].

_____. (Org. e notas) **Carlos & Mário**: Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

SANTOS, Marcelo dos. O amador de poemas e o poeta: a correspondência entre Lauro Escorel e João Cabral. **Verbo de Minas**. Juiz de Fora, V. 1, n. 19, jan.-jul. 2011, p. 143-153.

SECCHIN, Antonio Carlos. **João Cabral: uma fala só lâmina**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.